



INFORMATIVO DA CONFRARIA

Nº 07 - abril de 2010

Ordem da Confraria Elementar Primeira do Brasil

Rua Clóvis Beviláqua, 116 – Bairro Bom Jesus, Porto Alegre

Organização e Diagramação: Gisele Bischoff

Revisão Final: João Carlos Esvael

“Ainda restará uma folha”



Psicopictografia sobre a natureza feita por artistas se manifestando através de médiuns (arquivo interno de imagens)

Período do ano

Orientações Especiais para a nossa forma de ação durante o período de Touro.

Farmacopéia da Vovó Chica

Contos e artigos dos confrades

Aqui somos assim

João Carlos Esrael

Na Ordem da Confraria Elemental Primeira do Brasil, trabalhamos com o desenvolvimento das capacidades paranormais e de uma mediunidade diferenciada. Mas o que é uma mediunidade diferenciada? É trabalhar com altas percepções extra-senhoriais, mesmo que as pessoas não saibam que isso existe. Qual é o alcance da mediunidade de um indivíduo e da sua paranormalidade? Tu só vais saber se ele for colocado em trabalho e por quem responder por ele. Não interessa quem vai responder por ele, resta saber se ele é médium ou não, se essa mediunidade é aproveitável ou não.

A paranormalidade é a mesma coisa. A pessoa não tem que saber se pode ou não fazer algo, pois está sendo trabalhada com o seu ser e não com a sua mente. Isso causa ainda uma grande confusão para as pessoas, entre “a minha mente e aquilo que eu penso” e “a minha mente e aquilo que eu sei”, porque são em locais diferentes do cérebro. A mente, o mental, não está no corpo físico, o que está no corpo físico é o cérebro. Se esse entendimento for feito, as pessoas darão o grande salto. A educação com a qual fomos educados associa cérebro à mente. Já começamos a criar um entendimento claro de que cérebro é uma coisa e mente é outra e isso altera completamente essa educação.

Quando comecei a discutir a existência da mediunidade no circuito gaúcho, era um autor novo, mas não era um contador de histórias, que é a tradição literária no nosso estado, e houve uma boa recepção, tanto que estive em todos os canais de televisão, em programas considerados “cabeças” no Rio Grande do Sul, e em entrevistas, de uma ou duas horas. Falava sobre mediunidade e levantava a bandeira da paranormalidade, porém eles estavam acostumados a falar sobre religião. Falava no uso consciente das faculdades mediúnicas e paranormais. Não estava falando em uso religioso dessas faculdades, mas sim no uso consciente delas; logo, sobre a vontade também. Claro que isso, no início, foi impactante. Primeiro, porque eu não estava dentro do círculo universitário, essas posições partiam de uma pesquisa pessoal e tudo que vinha acontecendo nas áreas do conhecimento recebiam o aval da universidade. Mas a discussão acadêmica é um filtro que determina o que serve e o que não serve, o que pode ou não, os doutorandos passam por esse filtro e, em função disso, terão ou não orientadores. A Universidade é um grande filtro a serviço do status quo e a serviço dos valores reprodutivistas da sociedade.

Isso que estou colocando agora sobre mente e cérebro é em 2010, tudo que falei antes sobre isso era um outro enfoque, era em uma linguagem de 2008, 2007, 2006. Em 2010, olho para esse assunto com um olhar de agora, com as expressões de agora e não com aquilo que pratiquei noutros anos. A diferença é que, de um ano para o outro, tu trabalhas as mesmas coisas, mas as pessoas têm um tempo de assimilação, têm outro entendimento da coisa, é como a matemática que tu ensinas com pedrinhas e depois passa a usar algarismos; as operações matemáticas viram álgebra e geometria... é a mesma coisa. O indivíduo que aprende a dar um autopasse vai refletir sobre a dimensão de tudo aquilo que um autopasse toca. Temos algumas pessoas que pedem “posso assistir aula?” e eu digo “assistir” pode, mas não vai poder participar daquilo que vai ser feito. Nós vamos ter que entender uma coisa muito importante: se o que eu posso fazer está no nível daquilo que estou tendo contato. Por isso que várias pessoas estão no mesmo local, mas em épocas dimensionais diferentes. Todos assistem às aulas, mas a aula que cada um vai assistir é aquela que cada um consegue capturar e isso serve para qualquer ensino. Este é o nosso ano.

(extraído de registros das aulas dadas em março 2010)



Período: TOURO - de 21 de Abril a 19 de Maio

O período encerra complexidades: a dificuldade de tomar decisões, não lidar com a perda, o fracasso e a opinião dos outros, com isso pode ser inseguro de si mesmo. Há uma palavra pensada e outra que se pronuncia, construções mentais fortes no taurino, em quem as palavras refletem os pensamentos que demoram para ser substituídos por outros mais condizentes, menos conservadores. É uma das fragilidades do taurino, e desafio por aqueles que passam pelo signo, da palavra e do pensamento resulta o poder de materialização, o que ele exterioriza e constrói a partir de si e em si mesmo. A palavra demonstra a cultura, a desenvoltura, a segurança e não poderemos fingir ser outros. No entanto tudo pode ser educado e conhecido, aperfeiçoado e ajustado, se as práticas até aqui lhes foram úteis, aceitem quem somos ou o que pretendemos, façam. Eliminemos uma das maiores dificuldades e desafios do taurino, a indecisão, o maior entrave ao seu sucesso, a dúvida. Partilhem e aprendam a conviver sem a desconfiança, se não conseguem, então pelo menos entendam que pode ser apenas coisa de sua cabeça e de sua natureza, que conviver é uma das dificuldades do taurino, aprenda a falar quando deve falar e a calar quando é necessário, tem acontecido o contrário, é preciso achar o equilíbrio e nunca será pela retração. Aprenda a querer, tente ousar, esse é o desafio de todos os nascidos no período e o desafio diário de todos os trinta dias de Touro para todos nós, não esquecer quem somos e nem onde somos. Não esquecer que possuímos os recursos necessários e que conviver é outro dos desafios, lidar com as diferenças, medir a participação, os esforços, cuidar da energia dispendida, da espiritualidade, querer o desenvolvimento interno, pois nossas entidades terão dificuldades com a fragilidade emocional, com a tristeza que por vezes tomará conta, e o domínio, o controle. Saibam os taurinos que qualquer alteração no emocional é imediatamente registrada nas vibrações das palavras, com um certo nervosismo, e que possuem geralmente uma grande mediunidade. A palavra, como o som, conduz as emoções e pode servir para o crescimento, o estímulo, o elogio e o agradecimento, ou para a imposição, quase sempre egoísta, das mal construídas verdades pessoais, elas existem, mas são menos que as verdades familiares, estas menos que as raciais, as raciais menos que as épocas ou as culturas, há verdades e verdades, as relativas e as absolutamente... relativas. Façamos música, arte, poesia ou literatura com as palavras ou apenas o mais humano de nós.

(adaptado de "Instruções Diárias", obra recente de JCEsvael)

Nesta semana, recebi um e-mail envolvente. Apresenta uma situação vivida na Índia, mas que poderia ser em qualquer cidade do mundo, já que apresenta um engarrafamento. O sol está alto, as pessoas estão dentro dos carros fechadas, outras nas calçadas, a impaciência latente e envolvente, as buzinas tocando, a irritação contagiando. A causa do engarrafamento é uma árvore que está atravessada na rua, impedindo o trânsito das pessoas e dos veículos. Há dois policiais que esperam o socorro, e como esperam, nada fazem. Um garoto com mais ou menos 8 anos, simples, mas bem penteado e limpo, está de uniforme escolar, carregando seu material. Quer ir à escola, mas todos estão parados. Ele toma uma decisão. Sozinho tenta empurrar a árvore. Alguns olham aquilo e começam a rir. Logo, outros meninos se juntam ao primeiro. Pouco a pouco, os adultos começam a olhar a quela cena de uma forma mais respeitosa. Algumas mulheres se somam às crianças e, por fim, muitos homens empurram a árvore até que consigam deslocá-la. Os últimos a perceberem o que está acontecendo são os policiais, que continuam aguardando o socorro.

Qual é a relação dessa metáfora conosco? Nós – Confraria? Nós – Informativo da Confra? Pensem que a árvore que está nos impedindo de avançar talvez seja justamente o nosso receio de fazer uso da palavra - seja escrita ou falada. Por que é tão difícil conseguirmos expressar o que pensamos, o que sentimos, o que percebemos? O Informativo da Confra vem para ser um veículo da nossa expressão, da nossa comunicação. Um instrumento para exercitar essa arte maravilhosa que faz com que as pessoas construam pontes entre si e superem dificuldades – a palavra. Incorporem e entendam a magia que a palavra contém e o espaço que ela deve ter nas nossas vidas e o que ela tem realmente... Entendam que fazer uso da palavra faz parte de qualquer atitude que tenhamos em nossas vidas, desde as pequenas até as grandes, intensas, profundas. Sintam-se instigados por esse desafio e façam parte do próximo número. Escrevam sobre qualquer coisa, sobre as aulas, sobre a vida, façam desenhos das suas percepções, enfim, existe um mundo à nossa espera... e mandem seu material para informativodaconfra@gmail.com. Estamos esperando!. Somos, neste momento, como os primeiro garotos que estavam tentando empurrar a árvore. Espero que todos gostem da leitura do informativo e invistam nessa idéia. Um abraço a todos os confrades e até o próximo número,
Gisele Bischoff

LIVRO DO MÊS

Há livros e livros e alguns que podem definir por si só os momentos do mundo humano e os seus limites. "Os Chacras e os Campos de Energia Humanos", de Shafica Karagulla e Dora van Gelder Kunz, é um desses livros. O título poderia dar a entender a quem não está familiarizado com questões do extra-sensorial, que se trataria de mais um livro sobre experimentos místicos e termos orientais, descrevendo o que se encontra em tratados do Tibete, China, Japão ou Índia. As afirmativas contidas no livro não provêm de outra fonte senão a criteriosa observação feita por uma médica e uma paranormal sobre as relações entre os níveis energéticos que compõem nossa existência e que denominamos hoje de corpos - o corpo físico, o corpo etérico, o corpo mental e o corpo astral - e os estados de saúde humanos. Sua leitura nos remete para a visão mais atual do processo de investigação levado a efeito nas organizações voltadas para o estudo da real natureza do homem nos Estados Unidos, Europa e Ásia e permitirá interpretarmos com mais facilidade as obras dos predecessores, como Leadbeater, Annie Besant, Geoffrey Hodson, Blavatsky, e os modernos, como John Davidson, I. Bentov, George Yao e outros, que têm efetuado seus estudos sobre os campos elétricos e magnéticos que envolvem e interpenetram nosso corpo físico. É único no universo dos trabalhos de investigação, pioneirismo que não sabemos ter sofrido processo de continuidade, mas mostra com clareza o quanto temos ainda de percorrer. A paranormalidade como meio de investigação e identificação das doenças pela observação do corpo etérico e do astral, utilização consciente e dirigida de uma percepção extra-sensorial, é decisiva para se concluir sobre a importância do médium e do paranormal e sua presença como recurso, não apenas na identificação de distúrbios existentes com precisão, como percebê-los antes de qualquer sinal físico. Nos capítulos finais, dá uma visão sobre a atuação de curadores, acompanhamento de doentes e a visão interna durante o tratamento. Um dos aspectos mais importantes é a afirmação de que os chacras não são iguais, nem na forma, nem na cor, de um indivíduo para outro, como se alternam no mesmo indivíduo da saúde para a doença, podendo os fatores de cura tanto serem orgânicos, quanto etéricos e astrais. Outro aspecto que vem se somar aos estudos de Bailey, Besant e Leadbeater é a função do corpo etérico, que, faço questão de lembrar, era chamado de perispírito pelos estudiosos da Escola Francesa de Espiritismo, na época de Allan Kardec, Dennis, Flamarion e outros. De 1888 até 2010, muito se descobriu sobre as estruturas energéticas do corpo, cujas obras comentaremos.(JCE)

FARMACOPEIA DA VOVÓ CHICA

Nas noites de quintas-feiras, nas sessões do Povo Africano, em atendimentos ao público na Ordem da Confraria Elemental, "arriada" em um pequeno banco de madeira, segue Vovó Chica em meio a velas, ervas e pontos riscados com seus receituários a cerca de doenças de toda natureza. Entidade astral, representante da linha do Congo, há mais de 20 anos, manifesta-se pela médium Nair Esvael, aquecendo os corações aflitos daqueles que a procuram.

A esta preta-velha entregamos a coluna "Farmacopéia de Vovó Chica", para que possa alcançar com sua ternura, amor e sabedoria àqueles que necessitarem de suas orientações. Para tanto, você poderá escrever suas perguntas para o nosso informativo e, na medida do possível, ela lhe responderá. Nessa edição, oferecemos a receita de um xarope auxiliar no combate da asma e da bronquite. Vamos a ela:

ÉPOCA: Lua Minguante

ELEMENTOS:

01 molho de Menstrunço

01 molho de Agrião

01 molho de Sencilha

01 molho de Guaco

¼ kg de Açúcar Mascavo

Mel

MODO DE PREPARAR: Distribuir em camadas em um prato refratário.

1ª Camada: Guaco

2ª Camada: Açúcar Mascavo

3ª Camada: Agrião

4ª Camada: Mel

5ª Camada: Menstrunço

6ª Camada: Açúcar Mascavo

7ª Camada: Sencilha

8ª Camada: Despejar todo o Açúcar Mascavo e o Mel restante.

Levar ao torno observando as ervas secarem. Quando estiverem secas, passar tudo por um coador. Se ainda restarem ervas verdes, recolher essas mesmas ervas, recolocá-las no forno para repassá-las logo em seguida, ao que já está pronto. Acondicione em um vidro.

MODO DE USAR: Crianças: Três vezes ao dia, uma colher de chá,

Adultos: Três vezes ao dia, uma colher de sopa.

Vera Nox

Conto escrito por Tatiane Gonçalves

Na noite cinzenta que cai sobre nós, é encontrada a fúria bestial da criatura que procura nos devorar. Seus pés gélidos são ameaças constantes. Um aviso: não saiam de casa! Não sejam curiosos a ponto de espiar pelas frestas das portas! Um conselho de amigo, garanto. Deste mesmo amigo que renasceu do encontro com a criatura. Lembro como se fosse um sonho, mas a realidade puxa-me a rememorar os fatos do acontecido. Mudei-me para esta província aos 21 de agosto de 1871, à força, empurrado por dívidas da capital. Como todo bom forasteiro, uma aura de mistério recaiu sobre mim. "É um bandido, o mais perigoso de toda essa região"; "Não, não, ele é detetive e veio espionar, investigar nossos passos e vocês sabem o porquê". Desconfianças e desconfianças, olhares escanteados, murmúrios, conversas ou sussurros e, o que é pior, pelas costas. É claro que eu não freqüentava os ritos dominicais da igreja, para ouvir a conversa de um padre sobre como a comunidade deve ser unida e bondosa uns com os outros... No entanto, não vi nada disso na prática. Não seria mais fácil que aquelas pessoas viessem me perguntar o que eu fazia lá? Claro que não, senão acabaria com o único divertimento que possuíam. Não ligo, nunca fui popular, nunca tive amigos de verdade, por que aqui teria que ser diferente?

O falatório aumentava à medida que eu caminhava pelas ruas. Imaginem uma província, sem muito comércio, uma venda aqui; outra, quase na fronteira oposta da região; a igreja, que não freqüentava, muito menos seus salões. Acostumei-me à solidão e aos olhares. Em uma circunstância, enquanto passava por uns cavaleiros, com posse de valentia, desafiavam minha paciência ao repetir a frase que definia minha essência: “Lá vai a parte humana da besta”. Chega! Que diabos isso significa? Aquietei-me nessas circunstâncias de viver sozinho. Quase mudo já me sentia. Soltei a língua ao indagar os desafiadores sobre o que queriam dizer. Sinceramente, achei que minha postura de “basta” não surtiria efeito. Enganei-me. Os senhores, já fartos da minha presença, maravilharam-me com sua história. Não é que naquela região havia uma crendice que, à noite, ninguém estava livre da besta dos pés de lobo... Isso mesmo, nas noites densas de nevoeiro, saía da floresta uma criatura à procura de alimento, fluídico, segundo eles. Sugava de suas vítimas fluídos energéticos: seus corpos eram encontrados secos, murchos, quase irreconhecíveis. Mas os pés foram o que me fascinaram. Diziam eles que os pés eram as únicas coisas visíveis da criatura, e o único som audível eram seus passos, pesados, tocando a terra como um tambor. Era o chamado, irresistível, aos fracos de personalidade. Ninguém se atrevia a investigar os casos. Crendice, pois se ninguém ousara enfrentar, seja lá o que essa criatura fosse, como é que sabem de tantos detalhes? Crendice... Os senhores, ao meu questionamento, enfurecidos, responderam-me que essa situação horrenda permanecia intacta a milhares de anos, sendo contadas pelos pais dos pais dos pais e transmitidas por gerações, como aviso à preservação da espécie. Era espetacular ouvir uma história dessas: aqueles homens, robustos, tremendo ao som de cada palavra emitida por eles mesmos. E eu? O que tenho a ver com isso tudo? Silêncio, como se o mundo tivesse parado. Juro que até as nuvens do céu pararam. Com muito esforço, foi-me dito que, desde minha chegada, a besta recolheu-se em sua floresta cinzenta. Mas isso não era bom? Enganei-me! Toda criatura tem sua correspondente em carne humana, foi o que pude ouvir, embora os lábios dos senhores continuassem petrificados pelo medo. Saíram correndo, sem despedidas e até mesmo sem meus agradecimentos, pois esta foi a primeira conversa que tive em meses de estadia nessa região. Fui calmamente para casa, não tinha o porquê de ser afetado pelas credices desse povo. Não acreditava em anjos, por que acreditaria em demônios? Seria incoerente de minha parte. No entanto, não consegui dormir naquela noite. A sensação do ar parado, durante aquela conversa, parecia pairar ainda sobre mim. Sufoquei ao tentar lembrar do que me fora dito; todavia, nos meus ouvidos, apenas um zumbido que crescia em intensidade à medida que a noite ia caindo. Ao amanhecer, sai à rua a procura de ar fresco, mas curiosa a maneira com que todos me cumprimentaram pela manhã. Sorrisos (raros, até então). Os mesmos senhores da tarde anterior ofereceram-me tapinhas nas costas. Isso era demais! À minha face perplexa, disseram-me que estavam errados a meu respeito. A besta tinha voltado na noite anterior. Perguntaram-me se não tinha escutado seus passos pela noite. Não, não ouvira nada, senão os zumbidos que ainda não tinham cessado. Bom, pelo menos finalmente fui recebido de braços abertos pela comunidade, que pareceu aliviada pelo retorno da criatura; pela preservação da crendice, pensei eu. Fiz minha vida naquela região: mulher conheci, filhos criei, vida diurna vivi (embora não acreditando nas fantasias daquela região, ao que descobri muitas mais) pelo bem-estar da minha posição na sociedade de ter a mesma peso diminuíra enquanto a criatura gritava: “Ele é um dos meus”. de mim a fantasia de cidadão que me atava. Ar, finalmente, consegui respirar. Meu corpo, depois do alívio, começou a tremer, alguém atrás de mim se aproximava. Pelos passos, alguém gigantesco. Em uma fração de segundos, quando dei por mim, estava correndo por ruas vazias, tropeçando em pedregulhos na direção do nevoeiro que já me engolia. Viro meu rosto para ver do que fugia. Não vejo coisa alguma, só escuridão. Voando do nada, dois pés cor de lama empurram-me ao chão. Pesavam sobre meu peito, peso esmagador, afoguei-me em lágrimas que insistiam em lavar meu rosto; suas unhas afiadas, sujas, imundas de uma podridão indescritível, encaravam-me. Olhos vermelhos, agudos de percepção, fitaram minha alma. O nevoeiro densificou-se, e uma gargalhada estrondosa varreu os céus. O peso diminuíra enquanto a criatura gritava: “Ele é um dos meus”.

A DISCIPLINA QUE FAITA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Diego Ferreira Pheula

É sabido que, nas escolas brasileiras, as matérias básicas ministradas em aula são matemática, português, física, geografia, química, etc. Todavia, existe uma disciplina que não está no currículo escolar, mas que deveria estar presente desde o início da carreira escolar do aluno: TEORIA DO ESTADO. Poucos sabem da sua importância, preferindo os educadores dar maior destaque às matérias mais práticas e menos teóricas. Teoria do Estado explica muitas coisas, como o surgimento de nossa sociedade e a relação entre povo e governo. A partir daí, pergunta-se: por que essa disciplina não consta no currículo das escolas brasileiras?

Diante das informações acima comentadas, parece óbvio que não há o mínimo interesse governamental em colocar essa matéria no currículo das escolas, principalmente nas de ensino fundamental, que é onde se começa a vida estudantil do indivíduo. E isso é tão grave que mesmo nas faculdades de Direito, onde essa disciplina também deveria ser ensinada à exaustão, pouca importância lhe é dada. Lá, essa disciplina é ministrada superficialmente em apenas um semestre, com pouca ou nenhuma ênfase aos autores clássicos, como Rousseau, Montesquieu e Locke, que são os grandes empreendedores sobre as teorias relativas ao Estado. Os professores, cabem ressaltar, sequer recomendam que os estudantes leiam obras como O Contrato Social, O Espírito das Leis, Segundo Tratado Sobre o Governo, entre outras. Tais livros ficam em segundo plano, pois os professores preferem preparar os alunos para repetir aquilo que as leis prescrevem, não pensar e construir o Direito.

A Teoria do Estado poderia esclarecer também a razão de as pessoas não poderem fazer mais do que aquilo que a lei permite, mais do que o ordenamento jurídico de uma determinada sociedade permite. Os alunos poderiam descobrir que não existe uma liberdade natural em que se pode fazer tudo, e sim uma "liberdade" vigiada, dentro de limites pré-ordenados. Ao que parece, caso existisse essa disciplina nas escolas, poderia haver muitos questionamentos sobre política e outros assuntos correlatos, o que, convenhamos, é muito danoso para o nosso governo. Além disso, poderiam os alunos descobrir que os governos não sabem como educá-los, que agem por necessidade e que não visam ao crescimento intelectual de sua população.

Iriam os alunos desvendar também os mistérios dos atos governamentais, sendo a maior parte deles interessados em resolver assuntos particulares, não objetivando o coletivo. Poderiam saber que de nada valeu deixar a sua liberdade natural de lado para se associar a outras pessoas e viver em um lugar presidido por alguém eleito por eles, mas que não age por eles, e sim em benefício próprio.

O resultado da não inserção dessa matéria nas escolas é a alienação dos jovens brasileiros, que têm pouquíssimas informações sobre assuntos gerais e que praticamente só repetem o discurso que lhes é dado. A mencionada alienação é reforçada por outras atividades sociais, sutilmente colocadas em suas vidas sem que se saiba a origem de sua existência, como o futebol e o carnaval.

Aquela juventude lutadora e que ia às ruas protestar nos anos 70 e 80 não existe mais. Naqueles tempos de ditadura, os próprios fundamentos do Estado, como liberdade e igualdade, estavam ameaçados e os jovens sabiam disso. Os grandes movimentos estudantis começaram justamente durante a ditadura militar. Nas escolas, em que pesava a repressão do governo, as informações e os conhecimentos circulavam entre os alunos, que não mais aguentavam o despautério de um governo marcado pela violência.

Os estudos sobre Teoria do Estado, durante a ditadura, nunca estiveram tão em destaque, o que fez com nascesse o período estudantil mais fértil da história do Brasil. Depois disso, apesar de perdurar as mesmas mazelas sociais de outros tempos, só que com outra roupagem, os movimentos estudantis cessaram, faleceram.

Assim, vê-se que é inequívoca a importância de se estudar Teoria do Estado, de inseri-la nas universidades de Direito e, principalmente, nas escolas brasileiras, para que possa existir jovens mais questionadores e menos alienados e que, de posse de tal conhecimento, estes possam transformar nosso país em um lugar mais justo e humano de se viver.

Sessões do Período

- 22 de abril - Povo Cigano
- 29 de abril - Exus
- 6 de maio - Orixás
- 13 de maio - Pretos Velhos
- 20 de maio - Povo do Oriente

CONSTRUÇÕES SUSTENTÁVEIS E HABITAÇÃO SAUDÁVEL

André Marcos Gutknecht

Passamos a maior parte de nossas vidas dentro de edificações: no trabalho, na escola, na universidade, em algum lugar onde nos encontramos com nossos amigos, ou em qualquer outro onde desenvolvemos nossas atividades. Dentre todos, existe um em especial que é a nossa casa. É onde buscamos restabelecer nossas energias, nos sentimos mais à vontade e relaxamos, mas dela também recebemos estímulos e influências. A primeira morada do nosso espírito é nosso corpo, a segunda é nossa casa e a terceira, o planeta. As três se relacionam intimamente e têm influência umas sobre as outras. Quando entendemos melhor esses relacionamentos, estamos dando um passo na direção de vidas mais saudáveis e vigorosas, pois assim como sabemos da importância de nossa saúde física e mental, também devemos cuidar da saúde de nossas casas e planeta, pois são complementares.

Então, muitos já devem ter ouvido sobre construções sustentáveis, construções ecológicas, bioarquitetura e tantos outros termos, mas, para que possamos avançar, se faz necessário entender melhor o que significam alguns desses conceitos que são empregados muitas vezes de forma equivocada.

SUSTENTABILIDADE: é um conceito sistêmico, ou seja, o objeto em questão não é mais analisado unicamente de forma simples, mas passa a ser levado em consideração todo o meio que o cerca, bem como as inter-relações nos diversos níveis. Alguns adotam como sinônimo o pensamento holístico.

A sustentabilidade está relacionada com a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana. Ela propõe-se a ser um meio de configurar a civilização e atividade humanas, de tal forma que os seus membros e as suas economias possam preencher as suas necessidades e expressar o seu maior potencial no presente e, ao mesmo tempo, preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, planejando e agindo de forma a atingir eficiência na manutenção indefinida desses ideais, abrangendo os vários níveis de organização, desde a vizinhança local até o planeta inteiro. Para um empreendimento humano ser sustentável, tem de ter em vista quatro requisitos básicos: ser ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente aceito.

Colocando de forma simples, a sustentabilidade é prover o melhor para as pessoas e para o ambiente, tanto agora como para um futuro indefinido. Passou a ser um termo amplo e é hoje em dia usado em todas as atividades humanas.

ARQUITETURA SUSTENTÁVEL: tem por objetivo aplicar o conceito de sustentabilidade que discutimos anteriormente na indústria da construção civil. Mas antes de aprofundarmos essa ideia, vejamos alguns dados para melhor ilustrar a importância de projetar e construir de

forma sustentável: de acordo com dados do Worldwatch Institute (instituto independente e mundialmente reconhecido), a indústria da construção civil consome 40% da energia e 16% da água mundiais, além de consumir anualmente 40% das pedras e areia e ser responsável por 25% da madeira extraída anualmente. Esses dados se referem aos materiais e energia empregados na construção, já outras fontes apontam que os edifícios são responsáveis por consumir mais da metade de toda energia durante sua utilização nos países desenvolvidos. Ao projetar de forma sustentável, vemos a obra com a compreensão de um habitat vivo, estreitamente ligado ao clima, à sociedade, à região e ao planeta, levando em conta todo o ciclo de vida da edificação, da construção ao uso, manutenção, demolição e reciclagem. É necessário saber que não existem soluções ideais nem definitivas, pois os processos, tecnologias e materiais empregados evoluem constantemente. Alguns princípios básicos a observar em um projeto sustentável seriam: avaliação de impacto e análise do entorno; seleção de materiais atóxicos, recicláveis e reutilizáveis, bem como, buscar saber sua procedência; minimização e redução de resíduos; valorização da inteligência nas edificações para otimizar o uso; promoção da eficiência energética e de fontes alternativas de energia. A água deve ser reutilizada enquanto for possível e seu consumo deve ser consciente, existem também no mercado novos materiais que auxiliam na redução do desperdício da água. A água das chuvas pode ser coletada e armazenada para utilização sempre que não for necessária a água potável, além da utilização de arquitetura bioclimática. Esse tipo de Arquitetura é de alta eficiência energética, porque economiza e conserva a energia que capta, transforma ou produz em seu interior, reduzindo assim o consumo. Dessa forma, pode-se, por exemplo, controlar o clima no interior da edificação, aumentando ou reduzindo a recepção da luminosidade, do calor e dos ventos para ventilação natural.

Ok, já esclarecemos várias questões relevantes, mas falta uma que geralmente faz com as pessoas desistam de tudo o que falamos anteriormente: o preço. Criou-se o mito (principalmente no Brasil) de que construções sustentáveis são economicamente inviáveis. Sabe-se que uma edificação “verde”, dependendo das tecnologias e materiais empregados, tem um custo 5% superior (ou mais), se comparado a um edifício convencional, mas essa mesma edificação pode gerar uma economia de recursos de 30% durante sua ocupação e uso. Por exemplo: um sistema de aquecimento (de água) solar, se corretamente instalado e utilizado, pode ter o custo de sua instalação totalmente revertido em economia de energia em apenas um ano! Então, antes de dizer simplesmente que algo custa caro, analise com cuidado e pense bem.

Dando continuidade ao nosso assunto, nas próximas edições, falaremos de coisas empolgantes como que tecnologias, materiais e técnicas existem, como e onde podemos aplicá-las e mais: o que é geobiologia, feng shui e o que a mediunidade tem a ver com isso tudo. Gostaria muito de receber suas perguntas, críticas e sugestões pessoalmente ou por e-mail: andre.marcos@terra.com.br.

É com grande alegria por poder compartilhar isso com vocês que me despeço, até a próxima edição.